

Marcar, fotografar, publicar: espaço urbano, redes e experiências de visibilidade¹

Elane Abreu²
Paulo Victor Sousa³

Resumo

Como as tecnologias proporcionam experiências no espaço urbano? Como os dispositivos de geolocalização *online*, a fotografia e a reprodução de imagens se relacionam à criação de lugares e seus reconhecimentos? Partimos destas questões para pensar a visibilidade de espaços urbanos, retratados e criados tanto pela prática fotográfica quanto por marcações locativas em rede, e a decorrente constituição dos lugares. Nossa hipótese é de que os rastros visíveis de nossas vivências nas cidades, quando publicizados em ambientes digitais, expandem um processo de reconhecimento coletivo no qual a fotografia é uma atrativa peça do jogo. Imagens e enunciados de presença (o dizer onde estou, o que estou fazendo, por exemplo) se propõem a traduzir ou mesmo reconhecer experiências cotidianas de itinerários urbanos identificáveis e vivíveis.

Palavras-chave

Espaço urbano; fotografia; geolocalização.

Introdução

As tecnologias associadas aos espaços cotidianos têm proporcionado à vida urbana uma visualidade que se expressa tanto em registros imagéticos como em rastros geolocalizados em rede. Por que justapomos estes fenômenos? Ao aproximarmos fotografias às marcações de dispositivos locativos de presença em ambientes *online*, estamos interessados em perceber como estes, conforme suas peculiaridades, criam e configuram experiências espaciais urbanas – entendidas em amplo sentido, não apenas numa vertente materialmente situada. Se a fotografia, por um lado, é uma forma de consumir informação dissociada da experiência, segundo pontua a crítica Susan Sontag (2004), por outro, ela engendra rastros visíveis dos espaços cotidianos, sendo estes constituintes da subjetividade e da experiência nas cidades. Os dispositivos em rede de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), bolsista Faperj. E-mail: elaneabreu@gmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bolsista CAPES, membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociabilidade – GITS e do Grupo de Pesquisa em Cibercidades – GPC. E-mail: pvbsousa@gmail.com

localização espacial, ao passo que indicam o “onde estou” ou “o que faço aqui”, são também expressões, ainda que de natureza diversa, deste ímpeto de promover o remonte de lugares e experiências dentro da lógica atual do fluxo de informações na Internet, além de alimentarem e se apropriarem, eles mesmos, dos mais variados rastros digitais, dentre os quais, a fotografia.

Em linhas gerais, o olhar sobre a cidade, segundo Graham e Marvin (1996), sempre significou uma busca em se prover bons espaços públicos e condições de mobilidade entre os lares e os locais de trabalho, além dos equipamentos urbanos tipicamente constituintes de uma cidade. Contudo, não raro passa despercebido do olhar modernizador um intenso conjunto de fluxos comunicacionais a permearem essas estruturas urbanas. Graham e Marvin apontam justamente para o caráter de, digamos, “solubilidade” da comunicação: ainda que não tão facilmente perceptível, ela se encontra em todos os aspectos de nossa vida, configurando-se como importante tópico constituinte desse fenômeno maior, a cidade.

É preciso observar, porém, que o fomento da visibilidade urbana, anterior à atual configuração, já se encontrava nas incursões de fotógrafos do século XIX e XX, onde cidades ou recortes delas são apresentados ao observador em suas diferentes facetas sociais e espaciais. Ruas, comércios, espaços de entretenimento, personagens e objetos, em variadas perspectivas, foram assuntos recorrentes nas imagens de fotógrafos tais como Eugène Atget⁴, Robert Doisneau, Brassai, Weegee e Marc Riboud. A prática de fotografar a cidade esteve insistentemente relacionada ao ato de vasculhar mundos à parte, fossem eles permeados por rastros materiais ou humanos. Ao passo que a experiência moderna exigia do homem uma capacidade sensitiva afeita às imagens e às mercadorias, as fronteiras entre o aparato fotográfico, o consumo e os estímulos do espaço urbano tomaram contornos menos definidos. As máquinas e as tecnologias da imagem conquistaram um espaço para o controle do observador ao passo que se tornou desejosa uma crítica à sua capacidade manipulativa (FLUSSER, 2002).

A partir dos anos 1990, temos presenciado a aglutinação de ferramentas espaciais e telemáticas em prol da visibilidade de rastros do espaço físico das cidades nos dispositivos de comunicação *online*. Desse contexto de hibridação entre o espaço urbano, seus cidadãos e mecanismos eletrônicos diversos a lhe permear, abrem-se caminhos para novas apreensões da representação imagética, e a fotografia vem no bojo deste processo. Google

⁴ Atget, considerado o “precursor do surrealismo”, anuncia em suas fotografias algumas cenas urbanas do cotidiano parisiense no florescer do capitalismo: a serialização dos produtos, as fachadas comerciais, os trabalhadores de rua, dentre outros.

Street View, Foursquare e Instagram são exemplares de última voga de ferramentas híbridas, as quais culminam na constituição de uma imagem da cidade que remonta à captura de fragmentos do espaço urbano, trazendo-nos apreensões de um fluxo, de um estado cambiante que pertence ao próprio movimento de ir e vir da vida nas cidades. O que estas apreensões nos dizem sobre o espaço que nos rodeia? Como possibilitam um reconhecimento do nosso modo particular de sermos urbanos? São questões sobre as quais nos debruçamos neste texto.

Para além de um uso meramente banal dessas ferramentas, o que nos interessa não é tanto implicações políticas (como questões ligadas à privacidade, à redefinição da esfera pública ou o uso de ferramentas diversas para mobilizações sociais) ou mesmo econômicas (como aquilo que pode ser gerado em termos de perdas ou ganhos financeiros, por exemplo). Também não observamos aqui as trajetórias de interação, os processos de subjetividade ou demais potencialidades ligadas ao eu. Nosso intento é discorrer sobre a visibilidade que o espaço urbano ganha a partir dessas experiências em rede e como daí decorrem a criação e reconhecimento de lugares.

Um cenário geolocalizado

A atual lógica de funcionamento dos dispositivos móveis põe em relevo uma atuação acerca do aqui-agora. Celulares e *tablets*, cada qual equipado com câmeras e repletos de funcionalidades peculiares, são massivamente utilizados para um (re)contar constante do fluxo do cotidiano. O uso de tais mecanismos vai além da mera fruição lúdica ou do simples utilitarismo: de fato, acaba girando em torno das práticas rotineiras as mais diversas.

Nesse contexto, vale destacar a utilização de recursos que aliam a visibilidade de rastros midiáticos à corporeidade do espaço físico. Essa noção é, sobretudo, marcada pela interlocução de dados georreferenciados e sua disponibilidade (e consequente reapropriação) em redes telemáticas – fenômeno caracterizado por GeoWeb (HAKLAY, SINGLETON, PARKER, 2008). Quando se fala de tais práticas, traz-se à tona um conjunto de ações que dão a saber sobre a espacialidade que nos cerca e que nos serve como contexto de atuações cotidianas.

Podemos apontar os anos 1990 como o início da popularização de ferramentas que aliam dados espaciais a ferramentas *online*. Dá-se aí o surgimento dos primeiros *softwares* a disponibilizarem dados para consultas cartográficas na Internet (HAKLAY, SINGLETON, PARKER, 2008). Desde então, temos assistido ao desenvolvimento de uma série de novos

recursos a proporcionarem a visibilidade do espaço por vias digitais. O lançamento do Google Earth⁵, ocorrido em 2005 (FARMAN, 2010), pode ser considerado como um divisor de águas na forma como enxergamos, apreendemos e falamos sobre nossos territórios e lugares. Ainda que seja possível encontrar outras formas de visualização do espaço a partir de ferramentas similares (como os SIGs profissionais – sistemas de informação geográfica), é justamente a popularização e a banalização de tais recursos que gera um contexto de apropriações diversas (SUI, 2008).

Tendo em vista a liberação para uso civil do GPS (*Global Positioning System* – Sistema de Posicionamento Global) e seu incremento em dispositivos móveis como o celular, testemunhamos atualmente um sem-número de aplicações a lidarem com a sensibilidade local, configurando, assim, um conjunto de tecnologias nomeadas como mídias locativas (LEMOS, 2009). Falar que tais aparatos são sensíveis ao contexto local equivale dizer que eles podem capturar dados relativos à localização e dar respostas a conjunturas espacialmente situadas. Em outras palavras, apresentam reações informacionais aos lugares e suas coordenadas específicas.

Como resultado desse contexto de hibridação entre o espaço urbano, os cidadãos e os mecanismos eletrônicos diversos a lhe permear, abrem-se caminhos para novas apreensões da representação imagética. Na atualidade, destacamos aqui três manifestações em termos de práticas locativas e interacionais: Foursquare, Instagram e Google Street View.

O Foursquare⁶ pode ser descrito como uma rede social baseada em localização (SUTKO, DE SOUZA E SILVA, 2011; SOUSA, CUNHA, 2012). Um de seus propósitos fundamentais é informar aos próprios contatos o lugar em que nos encontramos naquele instante, dinâmica decorrente do uso de aplicativos instalados em *smartphones*: o próprio *software*, através de recursos baseados em GPS, capta aquela dada localização momentânea e sugere uma lista de possíveis lugares aos quais correspondam as coordenadas geográficas encontradas. Cabe ao usuário marcar onde está e autorizar o repasse daquela informação para sua rede de contatos, seja dentro da mesma rede, seja quanto a outras redes, como Twitter ou Facebook. Se desejado, é possível anexar fotografias efetuadas instantaneamente àquelas informações, conferindo-lhes uma maior autenticidade quanto ao estar presente no local.

⁵ Disponível em <<http://earth.google.com>>.

⁶ Disponível em <<http://foursquare.com>>.

O serviço, longe de ter uma utilidade imediata (como a coordenação espaço-temporal entre conhecidos), é especialmente caracterizado por colocar em relevo uma prática dissolvida de marcação espacial. O que se destaca no uso do Foursquare é precisamente a dinâmica dispersiva do dizer “onde estou” – e, por vezes, acompanhado de quem, com direito ao testemunho de fotografias. O lugar, entendido como um ponto do espaço geograficamente definido e simbolicamente carregado de afeto (CRESSWELL, 2004), ganha importância na medida em que é palco para representações e interações – ora presenciais, *tête-à-tête*, ora mediadas por computadores ou celulares. Mas perceba-se: em vez de os acontecimentos se darem alhures (podendo ser aqui ou acolá, sem importâncias na diferença), dão-se temporal e espacialmente bem delimitados, o que demarca, pois, um determinado contexto especificamente compreendido.



Figura 1 - Imagens ilustrativas do Foursquare. Disponíveis em <<http://www.foursquare.com>>.

De maneira similar, o Instagram⁷ é também um aplicativo de uso em *smartphones* cujo principal funcionamento gira em torno de uma tríade: fotografa-se (algo, alguém, uma paisagem etc.), editam-se as fotografias e compartilham-se entre amigos as imagens resultantes. Seus usuários basicamente fotografam situações corriqueiras, aplicam efeitos visuais específicos disponíveis no programa (os quais emulam filtros dos tempos de fotografia analógica) e, do mesmo modo como o Foursquare, publicam as imagens resultantes para sua rede. Essa última etapa, por assim dizer, também pode ser incrementada com uma replicação das imagens em outros sites, a exemplo igualmente do Twitter e Facebook.

Um pouco diverso do Foursquare, o Instagram não pauta necessariamente seu funcionamento numa localização precisa dos fenômenos: o registro da situação (e sua

⁷ Disponível em <<http://instagram.com>>.

posterior publicização) parece ser o carro-chefe a conduzir toda a prática em torno do aplicativo. Festas, almoços, momentos de estudo, trabalho ou descanso: aparentemente tudo é virtualmente assunto a ser fotografado e exposto na rede. A possibilidade de marcação georreferenciada, ainda que não obrigatória, lá está, o que adiciona à imagem um sentido espacialmente situado. Equivale a dizer – e demonstrar num mapa – onde efetivamente se deu o registro da imagem – no mais das vezes, num momento imediatamente posterior ao *click*, no calor do ato fotográfico e da exposição.



Figura 2 - Imagens ilustrativas do Instagram. Disponíveis em <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.instagram.android>>.

Num sentido similar, cabe um destaque ao Google Street View, ferramenta de cobertura fotográfica panorâmica atrelada ao Google Maps⁸. Os recursos do Street View criam uma visualização das ruas da cidade, com imagens dispostas de modo navegável. O resultado é uma espécie de mundo virtual, o qual representa, porém, as cidades que conhecemos de modo factual e relativamente preciso – em outras palavras, está pautado na veracidade propiciada pelo índice fotográfico. A constituição desse universo se dá a partir da colagem de diversas fotografias especialmente tiradas por veículos munidos por equipamentos apropriados para tal fim, os quais percorrem os logradouros de metrópoles como Nova Iorque, Barcelona ou São Paulo, dentre diversas outras, e mesmo de ambientes não urbanos, como algumas áreas da região amazônica. A posterior sobreposição dessas imagens (com uma manipulação adequada) gera uma visualização que mimetiza uma (pseudo)tridimensionalidade, dentro da qual se pode percorrer, segundo as direções disponibilizadas para aquele ambiente.

⁸ Disponível em <<http://maps.google.com>>.



Figura 3 - Imagem ilustrativa do Google Street View. Disponível em
<<http://maps.google.com.br/help/maps/streetview/gallery.html#!/brazil-icons>>.

Como pensar os atuais dispositivos de visibilidade atrelados à noção espacial e à experiência urbana? Em que bases está assentado esse regime de exposição e mobilidade? Parece bastante claro que certos usos de ferramentas baseadas em dados georreferenciados só podem existir no mundo contemporâneo – sobretudo pela junção das capacidades de cruzamentos de dados e operacionalidades. Seria, entretanto, bastante radical de nossa parte dizer que tal fenômeno é absolutamente novo quando, de fato, encontra em experiências não tão longínquas um modo de fundação a unir a rastreabilidade e captação de um cotidiano sensível. Em outras palavras, nossa percepção à imagem, ao lugar e ao momento específicos remonta a outros tempos. Tragamo-lo à tona.

Vida urbana e fotografia: a visibilidade dos lugares

Logo que surgiu, em meados do século XIX, a fotografia foi posta em contraposição à pintura, sendo esta última fruto de um “gênio” artístico e não da desenvoltura de um aparato objetivo e calculado. O burburinho em torno do duvidoso caráter artístico da nova imagem se fragilizou ao passo que se tornava inegável a consolidação cultural e incontestável contribuição da fotografia para renovar posicionamentos acerca de qualquer modalidade artística. Arquitetura, pintura, literatura, dentre outras, reconheceram no olhar fotográfico um aliado para novas percepções de suas práticas. O potencial fotográfico de tornar coisas minúsculas e ocultas em grandes e notáveis também contribuiu para a prática da visibilidade nas formas de entretenimento, nos apelos ao consumo e nas modulações da experiência urbana. E, assim, presente nos lares e nas ruas, fotografar se tornou parte indissociável do funcionamento sensorial e social. No raiar do século XX, a fotografia, o

cinema, dentre outros meios de comunicação, influenciaram de forma decisiva o modo perceptivo dos habitantes das grandes cidades (CHARNEY E SCHWARTZ, 2007).

Na Paris dos anos 30, Brassai saiu pelas ruas captando cenas de uma cidade recôndita, onde figuram personagens noturnos – prostitutas, boêmios, marginais – em espaços como bares, boates e bordéis. Muitas casas de diversão, a exemplo dos bordéis decadentes que se localizavam no Quartier Latin, prezavam pelo anonimato de seus clientes de forma que um não encontrasse o outro no mesmo ambiente (BRASSAI, 1976). A presença do fotógrafo nestes submundos urbanos, ainda que rejeitada e vista com desconfiança algumas vezes, foi aos poucos aderida. Fotografias de mulheres, frequentadores de bares e pessoas na rua que posam frontalmente para Brassai são inúmeras, embora, em tantas outras, ele incorpore enquadramentos de um observador à espreita (vale destacar as célebres esquinas de Paris à noite por ele fotografadas, em que prostitutas aparecem num misterioso jogo de luz e sombra).



Figura 4 - *Chez Suzy, Rue Gregoire de Tours, Brassai, Paris, 1932.*

Neste contexto de uma cidade misteriosa, *underground*, paralela e, ao mesmo tempo anônima, resistente a uma visibilidade diurna e a uma atitude blasé (SIMMEL, 1987) – automática e indiferente aos estímulos –, está o papel do fotógrafo como vasculhador de mundos à parte. Paris, diria Walter Benjamin (1994), uma cidade propícia para o *flâneur*, personagem conceitual que caminha pelas ruas sem objetivo definido e observa os ambientes em seu tempo particular, foi a arena onde diversos fotógrafos emergiram no desenrolar da vida moderna, quando o andar pelas ruas suscitou a observação particular e culminou num motivo de parada – o clique fotográfico do cotidiano urbano. Robert Doisneau, por exemplo, foi um dos que se dedicaram a clicar as ruas parisienses e se tornou um nome célebre da “fotografia de rua” (*street photography*). Suas imagens de cenas e personagens em lugares comuns da cidade, ao passo que se mostram como registros, são também sugestões de imaginação para os movimentos urbanos. Como nos propõe Scott (2007, p.194) acerca das possibilidades da visibilidade cotidiana, a fotografia “[...] reivindica nossa atenção, distrai-nos, redireciona nossos processos de pensamento, é um agente da metamorfose visual, abrindo um campo de possibilidades insuspeitadas no cotidiano”⁹. Do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, a cidade, suas ruas, personagens e objetos, em diferentes perspectivas, foram assuntos recorrentes nas imagens dos fotógrafos. Por desencadear um processo de visibilidade atenta ao cotidiano, as fotografias vão além da ratificação da banalidade do dia a dia citadino, mas o tornam digno de reconhecimento.

Com inspiração surrealista, os fotógrafos se destacaram na tarefa de iluminar a energia recôndita no transitório e trouxeram à tona manifestações da poderosa façanha mítica e epifânica da sociedade capitalista. Fizeram isso, como destaca Buck-Morss (1993), com o humor de quem transforma o trivial em objeto de reverência e com a sensibilidade de quem vê no efêmero o poder mágico das imagens. O constante movimento e transformações, ascensões e decadências, por quais passou a cidade moderna inundaram os objetos de uma força transitória e onírica: máquinas, formas arquitetônicas, mercadorias, ao mesmo tempo em que estimulavam a individualidade e a privacidade de experiências, continham a fagulha coletiva do ilusório. Espaços coletivos e fotografias são reinventados ao passo que negociamos a propriedade da nossa imagem, indo do social ao individual e vice-versa. O reconhecimento do já conhecido e a invisibilidade do que se tem a

⁹ Tradução livre do original: “[...] claims our attention, distracts us, reroutes our thought processes, is an agent of visual metamorphosis, opening up a field of unsuspected possibility in the everyday”.

(re)conhecer é inerente à prática fotográfica e ao modo como pertencemos ou não aos mundos urbanos cotidianos.

Concerne a um importante papel da estética relacionada ao cotidiano, segundo Highmore (2002), o exame de como as experiências são registradas e representadas, assim como a forma que estas assumem quando comunicadas. E é neste caminho que a fotografia encarna uma forma comunicativa da experiência cotidiana. Temporal e espacialmente, a fotografia é uma tomada, uma “fatia, cortada ao vivo”, subtraída de uma continuidade do mundo (DUBOIS, 2009). No movimento urbano em que o fotógrafo se lança com o fim de capturar algumas “paradas”, a fotografia se configura como imagem sempre incompleta de uma dada experiência do tempo na cidade. Parece-nos, no entanto, que a escolha por momentos de parada em espaços urbanos é uma maneira de reconhecer tanto a presença do ponto de vista do fotógrafo como também do lugar que cria ou traz à tona visualmente. Por outro lado, a proximidade cada vez mais estreita entre as tecnologias da imagem e o cotidiano “fotografável” reconfigura a experiência dos fotógrafos modernos nas cidades: seja qual for o lugar ou qual for o fotógrafo, hoje há possibilidade de tornar comunicável e reconhecível o comezinho do mundo que habitamos – a exemplo do que apontamos no tópico anterior.

O que teriam de especial os lugares fotografados? Por que precisam de reconhecimento fotográfico? Há uma ligação entre lugares e eventos que a fotografia proporciona na dinâmica de serializar e singularizar. Sendo reprodutível, possibilita a difusão e compartilhamento visual. Sendo singular, condensa um traço do real aliado à particularidade vivida no ato do clique. Por esta ambígua caracterização é que ela busca garantir sua particularidade ao longo das mudanças em seus usos sociais, traveste-se de novas aparelhagens e conquista, na alternância entre continuidade e descontinuidade, um lugar que vem a ser praticado e identificável com nossas experiências. “Serialidade é um dos meios pelos quais reconhecemos na imagem banal não só o que está lá em um sentido literal, mas o que está lá (e o que frequentemente perdemos) no nível mais ontológico”¹⁰ (SHERINGHAM, 2009, p.93). Nesta direção, o estatuto da imagem fotográfica quando alargado às redes telemáticas inclui também o reconhecimento de uma ontologia da presença.

¹⁰ Tradução livre do original: “Seriality is one of the means through which we are led to recognize in the banal image not only what is there in the literal sense, but what is there (and what we usually miss) at the more ontological level”.

Sheringham (2009) sublinha que a relação da fotografia com o lugar é marcada pelo sentido de “traço” e “evento”, o que faz entender o lugar como “arena da passagem” na qual uma atividade de atenção é acionada. Mesmo como imagens fixas, fotografias denotam movimentos, percursos, fluxos daqueles que passam – do próprio fotógrafo, daqueles que aparecem nas imagens e daqueles que a vêem. Nos deslocamentos e itinerários urbanos, os cliques fotográficos aglutinam traços e acionam eventos marcados pela legibilidade de lugares, pessoas e coisas, ainda que incorporem a banalidade da rotina diária. E estão no conjunto destas marcas visíveis modos de reconhecimento e identificação dos lugares, em consonância com o que eles podem dizer sobre nós próprios. As fotografias, assim, mais do que evidenciar eventos, participam de um jogo de construção de presenças, ausências e remonte de experiências com o espaço vivido. Elas implicam na dinâmica de mão dupla: ver e ser visto – hoje com possibilidades ainda mais expansíveis pelas tecnologias existentes.

Na convergência de novos espaços urbanos, produtos, tecnologias e novos direcionamentos sociais para as imagens, a percepção humana é reorganizada no sentido de acompanhar essa mutação inerente à circulação, ao consumo e à informação visual. Aparelhos celulares com câmeras fotográficas e conectados à Internet, mapeamento fotográfico e digital das superfícies urbanas, ferramentas de geolocalização, são algumas das formas híbridas que hoje disponibilizamos para dizer “onde estamos”, “aonde vamos”, “o que fazemos”, dentre outras declarações de presença. Não se trata do contexto em que o surrealismo dotou as coisas banais de uma carga onírica fotográfica ou mesmo da revelação de um cotidiano misterioso tal qual Brassai. Trata-se de um cenário de transformações na forma de comunicar o visível e o vivível do qual a fotografia é uma das peças do jogo.

Conclusão

O ritmo de consumo de dados e imagens atuais é intensificado pelos dispositivos em rede, que tanto externalizam ligações dos indivíduos com suas cidades como também alimentam a lógica do fluxo entre espaço físico e ambientes *online*. Ao invés de cairmos num limbo digital desacoplado do mundo “real”, como propunham visões pessimistas de meados dos anos 1990, as cidades e suas materialidades – estabelecimentos comerciais, parques, logradouros, lugares em geral – têm servido de palco para uma multirepresentação cruzada de experiências pessoais, alinhamentos socioculturais, dinâmicas políticas, dentre outras práticas sociais. Em outras palavras, a criação de redes *online* não separou os

indivíduos da concretude física que permeia o cotidiano ou de uma troca de átomos por *bits*. Pelo contrário, o que se observa é uma junção entre os corpos materialmente sensíveis e as camadas de dados digitalizados, com índices de mútua influência (LEMOS, 2005).

Cada qual a seu modo, Google Street View, Instagram ou Foursquare, dentre outros vários exemplos, estão especialmente marcados por um uso corriqueiro, não necessariamente utilitarista, e de funcionalidade ostensivamente cidadina. Não são apenas compostos por índices das cidades, mas ajudam a compor, eles mesmos, essa complexa estrutura a que chamamos de urbe. Fotografias, ao participarem desta composição, marcam, indicam, testemunham e tornam dignos de reconhecimento apreensões do espaço urbano que exibimos em nossas redes sociais. Tanto experiências banais quanto acontecimentos extraordinários se assemelham, em alguma importância, quanto à possibilidade de fabricar um rastro visual espacialmente delimitado. Desbravar mundos à parte não é necessariamente o empenho em questão dos praticantes da fotografia nas ferramentas *online*. A busca ali é de tornar o vivível interessante – ou o desinteressante – em marca visível no compartilhamento em rede. Fluxos entre espaços físico e *online* engendram formas comunicativas cujo tempo do estar e o do publicar onde estou, na cidade contemporânea, são indissociáveis.

É notável, assim, como o atual imbricamento entre tecnologias digitais, espacialidade e mobilidade tem fornecido base para um cenário em que ganham relevo os rastros geolocalizados, os discursos imagéticos sobre a urbe, o presenteísmo pulsante do aqui-agora e o conseqüente fomento à estruturação de uma cidade híbrida segundo a ideia de espaço recombinante, expressão usada para denotar esse espaço simbiótico surgido da incorporação da computação, da informação e da comunicação às estruturas até então sem vida da cidade (FIRMINO, 2005). Ferramentas como essas aqui apresentadas nos propõem o espaço urbano não apenas como um receptáculo no qual se dará a vida social, mas também como um elemento de fomento à criatividade, uma fonte de assuntos e de elementos conjunturais para uma experiência pautada na visibilidade do cotidiano. A compreensão do nosso atual contexto de alta conectividade, aliada à junção entre dados eletrônicos e sensibilidade ao contexto físico, põe-nos frente a uma rastreabilidade da cidade. Ela própria, em seu conjunto de signos, aponta-se e (re)configura-se diante do uso de aplicativos, tecnologias digitais e redes telemáticas. É, a um só tempo, fonte de referencial locativo e resultado do conjunto de operações interacionais nela ocorridas. Que cidade seria aquela que não possuísse pegadas – físicas ou eletrônicas – deixadas por seus habitantes?

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. (Obras escolhidas, v. 3). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUCK-MORSS, Susan. *The dialectics of seeing: Walter Benjamin and the arcades project*. Cambridge: The MIT Press, 1993.
- BRASSAÏ. *Brassaï: the secret Paris of the 30's*. Nova York: Pantheon Books, 1976.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). *Cinema e invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Malden: Blackwell, 2004.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- FARMAN, Jason. Mapping the digital empire: Google Earth and the process of postmodern cartography. *New Media & Society*, v. 12, n. 6, 2010, p.869-888.
- FIRMINO, Rodrigo. A simbiose do espaço: cidades virtuais, arquitetura recombinante e a atualização do espaço urbano. In: LEMOS, André. *Cibercidade II: Ciberurbe. A cidade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005, p. 307-335.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. *Telecommunications and the city: Electronic Spaces, Urban Places*. London: Routledge, 1996.
- HAKLAY, Muki; SINGLETON, Alex; PARKER, Chris. Web Mapping 2.0: The Neogeography of the GeoWeb. *Geography compass*, v. 2, n. 6, p. 2011-2039, 2008.
- HIGHMORE, Ben. *Everyday life and cultural theory: an introduction*. Londres, Nova York: Routledge, 2002.
- LEMOS, André. *Cibercidade II: Ciberurbe. A cidade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
- _____. Arte e mídia locativa no Brasil. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (orgs.). *Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 89-108.
- SCOTT, Clive. *Street photography: from Atget to Cartier-Bresson*. Londres, Nova York: I.B. Tauris, 2007.
- SHERINGHAM, Michael. *Everyday Life: theories and practices from Surrealism to the Present*. Nova York: Oxford University Press, 2009.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, Paulo Victor; CUNHA, Rodrigo. Entre o ser e o estar: a representação do eu e do lugar no Foursquare. In: RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcízio. *Mídias Sociais: Saberes e Representações*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- SUTKO, Daniel M.; DE SOUZA E SILVA, Adriana. Location-aware mobile media and urban sociability. *New Media & Society*, v. 13, 2011, p. 807-823.